

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Folhetim*

Class.: III

Data: 21.03.82

Pg.: 4

190

Para os índios Suruí, a vida futura, depois da morte, e a atual estão profundamente entrelaçadas.

## A travessia das almas

Betty Mindlin

Ibtabira, o jovem chefe Suruí, é um homem preocupado com a tradição de seu povo. Não é o único chefe, há vários outros; mas sua palavra é fundamental para a coesão do grupo, para as decisões econômicas e de defesa da terra. E se tem o comando e a legitimidade nas mãos, tem também um amor profundo pelas características próprias da vida indígena e quer manter viva entre os seus, a História Suruí.

A História não são apenas os fatos, como por exemplo, a lembrança remota, transmitida de pai a filho, de um tempo em que teriam emigrado dos lados de Culabá para Rondônia, no século 19, fugindo em barcos de casca de árvore a perseguições de brancos. Nem do período em que, com a fuga, encontraram certa tranquilidade, sem a presença "civilizada" e suas cruéis matanças, que recomeçaram terríveis nos últimos vinte ou trinta anos. Ou ainda, a memória de choques com outras tribos, algumas das quais os Suruí dizimaram. A História é o relato mítico do Universo, dos Espíritos, da Origem do Homem e todos os seres.

Em nossas muitas conversas na rede, em meio à hospitalidade da maloca inteira, em que me ofereceram mel, castanhas, gongos, caça, palmite, milho, cará, ao calor do fogo, e com o aconchego da chuva, Ibtabira começou a me explicar o difícil caminho que as almas devem percorrer depois da morte.

### NA TERRA DE PÁLOP

"Maram-êl Péter" é o nome da estrada dos mortos.

Ao morrer, os Suruí querem ir morar com Pálop, literalmente "nosso pai", o Criador. Pálop mora no Gorá-koy-ed, no horizonte, onde o sol nasce, aí onde terminam a terra, o céu, as águas. A morada de Pálop é lindíssima, de pedra, brilhante, parece ouro. Sua rede é lisa cama de pedra. Não come a comida dos mortais, mas outras misteriosas iguarias. Lá não existe mata como na terra e sim campo. Pálop não come caça, mas a guarda para os mortais, em cercados como se fosse gado: o das quelxadas, dos caltits e outros bichos. Aos poucos, manda os animais para os homens, pois se mandasse de uma vez o chefe dos porcos, dos tatus, dos nambus, logo toda a carne se acabaria. Na aldeia de Pálop, as almas casam e têm filhos. Os que morrem crianças, crescem e tornam-se adultos. Os brancos ou índios inimigos, mortos pelos Suruí, acompanham o matador, viram filhos do guerreiro e, portanto, índios.

### CAMINHOS PERIGOSOS

Homens, mulheres e crianças, ao morrer, podem em tese ir morar com Pálop, mas nem todos chegam lá: os perigos são muitos. Ibtabira vai desenhando no chão a passagem ameaçadora. Pálop não deixa entrar no Gorá-koy-ed os mortos ruins, que ficam morando a meio caminho da estrada. A aldeia deles é grande, com muitas malocas parecidas com as dos mortais e não de pedra. A comida também é como a dos homens. São tão numerosas as malocas que parece São Paulo, parece Brasília. Não é muito ruim morar aí, mas não é bom como na aldeia de Pálop.

Os mortos ruins são os que em vida foram sem-vergonhas, mataram ou namoraram parentes, roubaram, foram preguiçosos e trabalharam muito pouco, tiveram muito medo, pouca coragem. Os donos da aldeia ruim querem impedir os outros mortos de chegar até Pálop e tentam matá-los. Ter parentes nessa aldeia é perigoso: a tendência é ficar junto, como por força de um chamado. Quem é morto

pelos habitantes da primeira aldeia ruim não morre mesmo, fica aí ou volta para a segunda aldeia dos mortos, que, na verdade, é o começo da estrada.

Não só as almas malvadas oferecem perigo aos recém-mortos. Há outros muito piores, porque então as pessoas morrem de vez, desaparecem, nem mesmo podendo ficar numa das duas aldeias.

Não há forma de escapar às muitas provas, porque a estrada é uma só, sem atalhos ou desvios como no mato. Começa na segunda aldeia, a dos mortos ruins que não conseguiram ultrapassar a primeira. Pular os horrores é impossível, a não ser para os pajés ("wá-wá-nei"), só para os bons, os que sabem curar muito. Estes conseguem voar ou passar por cima, com a ajuda dos espíritos, os "Sô", "Goan", "Goral". Os "wá-wá-nei" mortos sem-vergonhas seguem a estrada como os outros homens.

### SÓ PARA OS BONS

Logo no começo do caminho há o Maneg-ti (Larva-Grande), um enorme bicho defecador que fica bem no alto. Em clima dos covardes, dos pobres que têm poucos colares, plumas e enfeites, que tiveram roças pequenas, defeca muito e eles morrem mesmo. Em cima dos corajosos, dos ricos cheios de adornos e objetos, que trabalharam muito e tiveram roças grandes, defeca pouquinho e eles conseguem passar. Logo depois, há o fogo, grande, grande para os ruins, queimando-os e pequeno para os bons, que apenas chamusca.

Vem então a primeira aldeia dos mortos. Estes chamam, ameaçam, apontam armas, preparam a guerra. Para passar, é preciso não se deixar intimidar, ter coragem, ameaçá-los também, exibir as riquezas, o poder das armas e o vigor de guerreiros. Bem perto da aldeia há os espinhos grandes, os Wapea-pahai-ikái, formando uma boca enorme que se fecha triturando os infelizes. Como nos outros obstáculos, ela é grande para quem tem medo, pequena para os bravos. Do outro lado da aldeia, há a Onça Gigante, o Mekô. Perto, o urubu, o Oykô, para comer os restos.

Quem escapa de tudo isso, ultrapassando a aldeia, defronta-se com Lápo-ti, a mulher imensa de perna aberta. Os homens ruins aí se perdem na grande vagina. Para os bons, Lápo-ti fica pequenina, fecha um pouco a perna e passam. As mulheres mortas não encontram Lápo-ti, mas um homem correspondente, Ga-ti, em cima do qual se deitam e morrem. Para as mulheres boas, Ga-ti, com seu pênis enorme, diminui e elas conseguem ir adiante.

Finalmente, na aldeia de Pálop, no Gorá-koy-ed, há ainda grandes riscos. Ixaa-ti Derê-Derê, a Pedra-Grande, balança muito e no seu balanço muitos caem e morrem. Há também Apê-ti, uma boca de bicho grande engolindo os homens. E é preciso não esquecer que nas três aldeias existe Ikon, o gavião-real, a harpia tão assustadora até mesmo em sua versão animal na terra...

### DE PAI A FILHO

Não é à toa que quando as pessoas morrem, os parentes choram tanto, imaginando o sofrimento dos entes queridos na travessia. Os pajés invocam a ajuda dos espíritos para a caminhada, mas nem sempre adianta. De todo modo, é imprescindível a contribuição dos cantos dos pajés, que já em vida visitam o reino de Pálop e conhecem o outro mundo. Também é importante preparar o corpo do morto e



Ilustração de Cláudio Cambé

enterrá-lo com seus pertences. Quando morre um menino pequeno, por exemplo, põe-se arco, flecha, armas, coisas boas para ele se defender na passagem e mostrar que é rico, possui coisas, é trabalhador e corajoso.

O sucesso na viagem é bastante hereditário. O pai do bisavô de Ibtabira já alcançara o Gorá-koy-ed, depois seu bisavô, depois o avô e possivelmente agora seu pai, que morreu há um ano. Um antepassado ajuda o outro, vai chamando e dando força, diminuindo os perigos. Como todos, Ibtabira tem muito medo da viagem futura, mas acha que vai passar, ser valente e sabe que conta com o apoio de muitos parentes junto a Pálop, como seus três filhos mortos, que lá estão esperando e crescendo.

Tudo isso é a História Suruí, que os pajés recitam cantando, nas festas e rituais de cura. Pela boca do pajé, falam os espíritos, advertindo os homens sobre o que vem depois da morte e ensinando muito mais. Assim, já os meninos pequenos conhecem a própria História e sabem que Pálop fez esse caminho tão complicado e perigoso para os homens o obedecerem, fazerem o que é bom e não o que é ruim, não matarem parentes, não cometerem incesto, não serem covardes, não roubarem, não serem preguiçosos.

Minha descrição deve ter muitos erros, pois mal consegui colher fragmentos, entaginhando apenas na compreensão desse outro mundo cheio de seres misteriosos. Não me aventuraria a escrever coisa alguma se Ibtabira não tivesse me pedido para contar o que me explicou à Funai, à administração, aos que prestam assistência aos índios. Pois os "civilizados", de tudo isso ignorantes, não entendem, por exemplo, que os pajés devem ficar junto com os doentes nos hospitais, pois são tão importantes para eles quanto os médicos. Reclamam de tantos acompanhantes necessários para cada cura, mas não será possível entender que o índio é assim e

precisa de muito mais no céu e na terra do que pode dar nossa pobre medicina?

Há pouco tempo, em outubro de 1981, os Suruí foram notícia de jornal, quando, decididos a lutar pela própria terra, organizaram uma expedição para expulsar os últimos colonos invasores da sua área indígena e acabaram por matar dois jovens que perambulavam pelas matas. Só depois do episódio infeliz é que o governo do Território finalmente retirou os posseiros, transferindo-os para outras terras.

### OUTRO UNIVERSO

Para nós, que também lutamos pelo direito dos destituídos à terra, que sabemos o quanto terra, renda e riqueza se concentram nas mãos de poucos no Brasil, é doloroso ver eclodir a violência entre os que, no fundo, estão do mesmo lado. Esquecemos de que há apenas doze anos, antes do contato com a Funai, era em plena guerra que os Suruí viviam, massacrados por segingueiros e massacrando-os. Sua selva guerreira continua a fluir: há três anos mataram toda uma família de índios inimigos, os Cabeça-Seca, em vingança antiga. E esquecemos também que violência é o maior exemplo que lhes demos de solução de conflitos em Rondônia, tendo como critério, capangas de grandes empresas expulsando posseiros e não o direito e leis mais justas.

Talvez um vislumbre desse universo outro em que os Suruí se movem, entrelaçando vida e morte, trabalho e sobrenatural, abra caminho para uma esperança futura. A de que, numa sociedade mais igualitária, não precisem pela força defender a terra e a sobrevivência material, mas lutem por um objetivo ainda mais complicado: valores e forma própria de ser, ampliando o espectro da democracia com que sonhamos.

E como se, além deles próprios, ainda não cidadãos, os seus mortos devessem ter voto: desde que não só de fantasmas se consurta a nossa democracia e sociedade mais justa...